

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Yasmin de Castro e Souza

OS ELOS NIETZSCHIANOS QUE LIGAM A MORTE À AFIRMAÇÃO DA VIDA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Luciano Caldas Camerino.

Juiz de Fora
2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **YASMIN DE CASTRO E SOUZA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272107A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ELOS NIETZSCHIANOS QUE LIGAM A MORTE À AFIRMAÇÃO DA VIDA**, desenvolvido durante o período de 05/03/2024 a --- sob a orientação de **LUCIANO CALDAS CAMERINO** ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Yasmin de Castro e Souza

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

OS ELOS NIETZSCHIANOS QUE LIGAM A MORTE À AFIRMAÇÃO DA VIDA

Yasmin de Castro e Souza ¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a dificuldade que os seres humanos têm de encarar a morte. Ademais, será problematizado o impasse que o homem tem sobre as reflexões sobre a aceitação da morte como parte constituinte da afirmação da vida. Como aparato metodológico principal, buscou-se como referência o filósofo Friedrich Nietzsche que dialoga sobre a reinterpretação e liberdade para a morte, o eterno retorno, vontade de potência e *amor fati*. Além de outras pesquisas metodológicas que se fundamentam nos discursos nietzschianos com o intuito de ressaltar a morte como uma festa, fugindo de toda a negação sobre ela. Diante da análise, conclui-se que prorrogar reflexões sobre a morte é uma atitude inútil que leva o indivíduo entrar em uma ilusão sobre o caminho do seu inevitável destino. É desejável que, com este trabalho, seja possível entender a importância de uma preparação psicológica precoce para a chegada do fim da vida, a fim de amenizar o impacto da dor de um luto.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Nietzsche. Vida. Afirmação. Negação.

1. INTRODUÇÃO

Durante a história da humanidade tivemos grandes figuras que influenciaram e moldaram moralmente e psicologicamente a sociedade. Dentre elas encontramos Friedrich Wilhelm Nietzsche, nascido em 15 de outubro de 1844 em Röcken na Prússia. Ele viveu em meio a acontecimentos históricos do processo de unificação alemã, o que contribuiu com a sua formação social e moral. Mais tarde, em sua adolescência, começou a desenvolver textos poéticos e habilidades com grego e latim, que o fizeram ter interesse sobre noções de mundo, educação e arte. Ainda muito jovem, por um curto espaço de tempo, estudou o cristianismo, mas não demorou muito para se desencantar com as aulas de teologia. Isso porque os estudos teológicos fugiam do que o jovem Nietzsche acreditava. Em 1865, vai para a Universidade de Leipzig, onde aprofunda seus estudos sobre a filologia, investigando Diógenes Laércio, Hesíodo, Homero e Platão. A partir desse aprimoramento como filólogo, é convidado para assumir a cadeira de filologia na Universidade da Basileia. Foi só mais tarde que ele conheceu o pessimismo metafísico de Arthur Schopenhauer e sentiu-se interessado. Outro grande nome que influenciou as obras nietzschianas foi Richard Wagner, um compositor renomado que inspirou Nietzsche a escrever sobre o nascimento da tragédia grega.

Neste sentido, o filósofo alemão teve uma grande participação nos estudos filosóficos com sua grandiosa formação e publicação de poderosos escritos. Mas abatido com problemas de saúde e dominado pela loucura deu seu último suspiro em 25 de agosto de 1900, em Weimar, Alemanha. Antes desta fatalidade, Nietzsche conseguiu desenvolver provocações importantes cobertas de reflexões filosóficas, possibilitando o encontro entre o ser humano e suas crises existenciais, entre elas o medo e a culpa.

Apesar de Nietzsche ter nascido em uma família cristã, traçou seu caminho de forma diferente. A prova disso é que abandonou a formação teológica, alinhando-se mais para frente com a Filosofia e a poesia, que marcam o seu pensamento. O fato de ser filólogo contribuiu para que ele bebesse da água de vários pensadores, passeando pela História e Psicologia. Dessa maneira, ele escreveu suas obras de forma ampla, ou melhor, partia de uma ideia e apresentava outras perspectivas. Esse é um dos grandes diferenciais de Nietzsche, pois era um antidogmático, ou seja, nunca acreditou em verdades últimas e definitivas. Logo, o pluralismo e perspectivismo são dois aspectos cruciais que delinearão suas obras. Uma justificativa para o pluralismo é que Nietzsche utiliza de vários estilos, ou seja, suas obras eram plurais e ricas de estilos. Ademais, quando Nietzsche viaja pela história ele vai desde a antiguidade até a modernidade e, assim, encontra as passagens de Heráclito de Éfeso. Este pensador acredita que estamos em constante mudança, assim como as águas de um rio. Ninguém consegue banhar-se nas águas de um mesmo rio, isso porque em um mesmo minuto aquela água já não é mais a mesma.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: yasmin.castro@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luciano Caldas Camerino.

Nietzsche entende que assim somos nós, que passamos por mudanças o tempo inteiro. Assim, fundamenta o dinamismo, ou seja, nada é fixo, tudo é vir a ser. Além disso, Nietzsche apoiava-se no caráter cético, em que fazia experimentos com o pensar. Ele apresentava disposição para abandonar ideias em nome de outras mais satisfatórias para aquilo que gostaria de dizer. Portanto, o experimentalismo é uma característica forte no pensamento desse filósofo.

2. Uma breve história da trajetória do pensamento nietzschiano

2.1 As noções fundamentais de Nietzsche

Nietzsche foi um grande crítico das religiões, ainda que a crítica não fosse de igual natureza para todas as diferentes tradições religiosas. Isso porque acreditava que elas eram as responsáveis pela decadência da civilização ocidental, principalmente o cristianismo². E essa decadência está assentada em três pilares: pensamento socrático; doutrina platônica e cristianismo. Primeiramente, sobre o pensamento socrático, foi ele que instaurou a separação entre homem e mundo, tornando a filosofia antropológica. Isso é comprovado com a célebre frase de Sócrates “conhece-te a ti mesmo”. Essa afirmação traz ao homem uma autonomia, que expressa a necessidade de focar mais no autoconhecimento e menos na ideia alcançar uma sabedoria perfeita. Essa inversão faz do homem o autor da sua personalidade e busca pela sua versão mais sábia, afirmando suas limitações.

Entretanto, Platão tornou isso ainda mais polarizando quando fragmentou o mundo na seguinte divisão: mundo sensível e mundo das Ideias. Este é o mundo essencial, imutável e eterno. Ou seja, o mundo das Ideias é o que deve ser alcançado a fim de assumir a forma plena da felicidade. Em contrapartida, o mundo sensível, o que vivemos, é imperfeito, mutável e da *doxa* (opiniões). Diante disso, a realidade dos seres humanos é negada pelos próprios homens que criam uma versão ideal de mundo e menosprezam a própria existência. Assim, Platão coloca como ápice o mundo das Ideias: Bem, Belo e Verdade. O Bem passa a ser uma ideia essencial, imutável e eterna. Da mesma forma acontece, segundo Nietzsche, dentro do cristianismo uma versão de “platonismo para o povo”. Isso porque as duas correntes morais pregam o aperfeiçoamento do ser humano com a justificativa de haver um segundo mundo e não para ser uma pessoa melhor para este mundo – o que vivemos. Dessa forma, quando o platonismo e o cristianismo destacam que existe um mundo melhor, que podemos alcançar, faz o ser humano ignorar o mundo existente, sempre se afogando no mar de pecado e culpa.

Neste sentido histórico, podemos entender outros pontos importantes que fundamentam o pensamento nietzschiano. Como dito anteriormente, Nietzsche usufruiu do pensamento de vários autores, inclusive da antiguidade, e por isso utiliza a cultura grega como objeto de estudo. Nela o filósofo interpreta um embate dicotômico entre apolíneo e dionisíaco. Este está ligado a exacerbação dos sentidos, embriaguez estática e supremacia amoral dos instintos. Já aquele está ligado a perfeição, medida das formas e ações, palavras e pensamento humano. Essa dicotomia foi responsável pelo surgimento da tragédia. Quando o homem insiste em negar a tragédia acaba sendo acorrentado pelo adoecimento causado pelo excesso de racionalidade. É preciso haver equilíbrio entre as emoções e a racionalidade, que são inegáveis dentro da vida humana. Então porque negar a existência de um sentido dionisíaco? Mesmo que a humanidade tente acabar com o trágico, sempre será um esforço em vão, pois os seres humanos necessitam dos sentimentos para que se contemple a vida. Sobre isso, Sócrates foi a marca mais imperdoável por ter posto fim à afirmação do homem trágico. A partir disso, os homens sofrem com a negação da própria vida, pois foge de sua natureza complexa e trágica. Portanto, é essencial afirmar que não existem versões perfeitas da existência humana, pois ela sempre estará ancorada às dificuldades que servem como impulso de evolução da humanidade.

Uma hipótese a ser discutida sobre esse desejo do ser humano buscar uma perfeição, é que ele deseja algum lugar que não tenha nenhuma sombra de sofrimento, dor e culpa que persegue ele pelos caminhos da vida. Isso é uma ilusão, uma mentira, que um movimento de desejos comuns formou através da impaciência sobre a evolução natural da humanidade. Essa evolução natural está regada de sentimentos humanos, ou seja, sentimentos imperfeitos que ferem o homem. Entretanto, essa ferida é precisa, pois é apenas através dela que a nossa espécie tão imperfeita consegue evoluir de alguma maneira. Quando a pessoa é fechada dentro da prisão ilusória de uma crença sobre um mundo perfeito, ela perde a oportunidade de “vir a ser”, em que ela se prende na

² O cristianismo foi o alvo de críticas contundentes e detalhadas feitas por Nietzsche.

possibilidade de haver algo melhor. Então, nada que está nesse mundo é bom o suficiente. O desejo de alcançar a felicidade e o bem-estar plenos é tão intenso que ela começa a mudar comportamentos a fim de ter uma vida póstuma recheada de maravilhas que não conquistou na Terra. Logo, a necessidade de mudança não é para a vida que possui, mas sim a vida que imagina ter em um outro mundo.

Neste sentido, Nietzsche entende que é absurdo mudar comportamentos motivados pelo desejo incessante de alcançar um segundo mundo. O homem iludido passa a enxergar a morte como porta de entrada para uma perfeição póstuma. Isso gera até mesmo vontade de acabar com a própria vida, pois não aguenta tanto sofrimento e tanta dor, implorando para que seja levado a essa perfeição que tanto acredita. Esse indivíduo começa a sentir um sufocamento causado pela sua própria realidade, onde não consegue fugir e não encontra motivos para mudar. Por isso, frases como “a verdadeira felicidade não é desse mundo” só ajuda afirmar esse desejo de encontrar algo melhor em um lugar melhor. Porém, o que o filósofo alemão busca alertar é que a melhor está dentro de nós mesmos, em nossa própria vida, na beleza do esforço por uma evolução. É preciso deixar que a morte seja a porta de entrada para mudanças nessa vida, que seja combustível de fortalecimento e choque de realidade a fim de alcançar a melhor versão de si e não, necessariamente, a perfeição.

2.2 Nietzsche: o filósofo “amoral”

Desde o surgimento da civilização, os homens criam regras de convivência para que haja relacionamentos harmônicos. Com isso, originam-se valores morais que são impostos para todos como uma via de mão única, ou seja, não é possível haver um dinamismo sobre tais valores. Estes são apenas avaliados como certos e assim devem ser seguidos fielmente, submetendo quem vai contra como errado. Diante desse fato, Nietzsche critica vigorosamente a moralidade convencional que determina as atitudes e compromete a individualidade de cada cidadão. Por isso, ele desenvolve um processo de “transvaloração dos valores”, onde os homens devem questionar e reavaliar a alienação que são subordinados. Isso porque os indivíduos tendem a aceitar as normas sociais sem questionamentos e reflexões, isto é, abdicam do senso crítico para acompanharem o efeito manada. Quando o homem liberta sua consciência e supera os conceitos morais, ele retoma a sua individualidade e criatividade dentro do mundo.

Um dos grandes conflitos que a moralidade convencional pode atribuir à vida civil é a inversão dos valores, gerando uma divisão de grupos que são colocados como bons ou maus. Isso origina um maniqueísmo que induz a polaridade da sociedade. A partir da inversão de valores, é possível entrar com outro conceito nietzschiano: a moral dos homens. Ele utiliza isto para discutir sobre a dualidade entre bom x mau e bom x ruim, que acrescenta até um questionamento: como pode bom ter dois antônimos sem que estes sejam sinônimos? Para responder a esta pergunta deve ser levado em consideração que está sendo feita uma avaliação utilizando dois pontos de vista diferentes: dos senhores e dos escravos. Então, Nietzsche fazendo uma observação do padrão histórico, ou melhor, apoiando-se na genealogia da moral, percebe que sempre houve uma luta entre senhores e escravos, consequentemente morais opostas. Percebeu também que o bom passa a ser o pobre e miserável, e mal o materialmente rico. Isso quer dizer que os pontos de vista estão relacionados com os valores estabelecidos pelos criadores destes. Dessa forma, a perspectiva do senhor não será a mesma que a do escravo, justamente por estarem em posições opostas. Além do mais, quando uma perspectiva é considerada superior à outra, ocorre uma avaliação moral dos valores, como em um conflito entre bom e mal. Exemplo disso é que dentro da moral dos escravos o termo “mal” serve para referenciar a crueldade. Dessa maneira, o mesmo homem pode ter atitudes ruins e não ser considerado “mal”, mas isso depende de quem é o avaliador e em qual posição ele se encontra. Ou seja, os oponentes distorcem as perspectivas de acordo com a conveniência que beneficia estes. Conforme o indivíduo é julgado, considerando a avaliação dos oponentes, ele pode encarar sua individualidade como errada e cair no abismo da má consciência.

Sabendo que foi tomado pelo ressentimento da má consciência interiorizada, o adoecimento origina homens fracos. A má consciência interiorizada torna-se uma crítica para Nietzsche, pois ele entende que a crueldade é a natureza humana, e a partir do momento que nos envergonhamos dela nos tornamos homens culpados, infelizes e doentes de si mesmos. Em suma, não há noções absolutas sobre bom e mau, são apenas criações dos homens. Quando há uma compreensão sobre este fato, aqueles que acreditam ter uma vida póstuma conseguem entender que a verdadeira existência é a que ele viveu. É agarrar-se na presente vida sem colocar

esta como uma falsa ilusão. Isso ajuda o indivíduo a entrar em sintonia com a afirmação da vida e orgulhar-se dela. Portanto, Nietzsche acredita que este entendimento liberta o indivíduo para viver o hoje sem se preocupar com o peso de uma culpa que outros homens criam para ele. Logo, dizer “sim” à vida é também estar livre de oposições (bom x mal) que fragmentam a vivência de um ser humano. Isto é, afirmar a totalidade de uma existência composta pelos pedaços infelizes e felizes dela, o que foge do maniqueísmo.

Apesar de ser atribuído a Nietzsche o adjetivo “amoral”, ele não se encontra como um antiético ou sem princípios. Diante disso, é importante dizer que as falas nietzschianas podem salientar interpretações equivocadas e causar irritações, principalmente, nos ditadores da moral. Mas o filósofo alemão tem o desejo de reinterpretar as tradições, ou melhor, libertar os seres humanos das noções convencionais que aprisionam a criatividade e senso crítico individual. Sobre isso, ele defende a autenticidade e a expressão pessoal para que não possamos nos tornar marionetes dos alienadores. Para ilustrar esse tipo de controle sobre as pessoas, cabe dar o exemplo dos religiosos como um dos principais alienadores. Isso porque eles conseguem direcionar as perspectivas em prol da moralidade religiosa. Dessa maneira, geram o maior tipo de maniqueísmo, que é a criação do “céu” e “inferno”. Se somos todos seres vivos pensantes e condicionados ao erro, por que deve existir uma generalização para encaixar os totalmente “bons” ou totalmente “maus”? Uma das grandes justificativas destes avaliadores para seguir padrões de comportamento é criar um paraíso imaginário póstumo, que pode ser alcançado a partir das nossas ações enquanto vivos. Sendo assim, são criados homens medrosos que se privam de viverem a vida que se tem. Estes serão eternos prisioneiros do mundo Ideal.

Com isso, Nietzsche tenta eliminar esse tipo de pensamento, pois entende que devemos nos permitir a errar para que possamos aprender e, então, crescermos. Contudo, a visão pessimista sobre a realidade da vida traz uma ilusão de que podemos ter uma outra existência. E sobre isso, não deve, segundo o filósofo alemão, entender que é preciso alcançar a morte para reviver em um novo mundo, um mais perfeito, mas sim aceitar que a realidade é da forma que moldamos e que não podemos fugir da natureza humana. Portanto, a nossa vida pode ser repleta de erros e acertos, envolvida por forças vitais que geram uma vontade de potência a fim de superar cada vez mais nossos empecilhos.

3. Os tipos de niilismo e seus diferentes aspectos

Os homens estando na imensidão da culpa e infelicidade podem cair no abismo do niilismo. Este é uma doutrina filosófica que defende que nada tem sentido, que não existe fim para a vida. Mas o que gerou esse estado de culpa e infelicidade nos homens? Nietzsche responderia essa pergunta embasando o argumento em meios a uma estrutura religiosa do pensamento. Ou seja, toda a causa está inserida na postergação da vida para o além ou para um futuro inalcançável, o que faz o indivíduo tornar-se cego frente à sua vida real. Isso acontece mediante as várias formas de rebaixamento da vida em nome de uma transcendência imaginada, que foi provocada pelos moralistas, sobretudo religiosos. Portanto, a figura ideal de um ser humano foge totalmente da realidade do mundo, pois o coloca em um pedestal de moralidade e perfeição a ser alcançado. Neste sentido, a frustração está concentrada na busca incessante de uma meta irreal que nunca será alcançada. Sobre isto, filósofos, segundo Nietzsche, são os primeiros a negar a possibilidade de haver um ser humano ideal, pois o indivíduo só pode ser aquilo que é real. Assim, os filósofos tornam-se imediatamente niilistas diante deste assunto.

Se um filósofo pudesse ser niilista, ele o seria porque encontra o nada por trás de todos os ideais do ser humano. Ou nem sequer o nada – mas apenas o que nada vale, o que é absurdo, doentio, covarde, cansado, toda espécie de borra da taça *esvaziada* de sua vida(...). (NIETZSCHE, GD/CI. item 32 p.69)

Além disso, há quatro tipos de niilismo: negativo, reativo, passivo e ativo. Os tipos de niilismo estão associados aos tipos de forças, principalmente forças ativas e reativas. Isto é, forças ativas nascem da iniciativa do indivíduo, enquanto as reativas são originadas do combate às forças ativas. Portanto, as reativas estão diretamente ligadas à manipulação das reações individuais. Isso acontece, por exemplo, em doutrinas religiosas que pretendem moldar os homens de forma moralista para que se encaixem em um padrão ideal de mundo perfeito. No mais, deve haver a explicação de cada tipo para que se possa compreender as diferenças. Com isso, o niilismo negativo nega este mundo para defender outro mundo, como acontece, por exemplo, no cristianismo.

Já o reativo é aquele que reage contra o outro mundo a fim de defender certos valores deste mundo, sendo o maior exemplo os iluministas. Ainda existe o passivo e ativo, no primeiro a vontade de potência se esgota e no outro a vida afirma a si mesma tornando-se ativa. Logo, a mesma doutrina traz diferentes perspectivas sobre uma negação constante da vida.

Para Nietzsche, o niilismo é um objeto de reflexão filosófica que ou destrói o ser humano ou ajuda-o a viver melhor. Sabendo disso, o filósofo alemão vai criticar o niilismo negativo e reativo, propondo uma nova concepção: negar tudo que seja contrário à vida e viver apenas o agora. Isso liberta o homem de preocupações futuras que ele não tem domínio, deixando para trás crises futuras e passadas. Mas para que isso se torne possível, deve alcançar a posição de super-homem, que é o homem desprendido e aberto a viver apenas o agora. Ou seja, o super-homem avista a vida como um todo e pergunta a si mesmo se gostaria de viver as mesmas situações em que já passou, avaliando, assim, se é feliz com sua vida. Essa reflexão está inserida na obra *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche, onde Zaratustra é o personagem que passa por algumas fases que transitam entre vida solitária e civil. Quando passa pelos dois modos de viver, o protagonista consegue entender a importância da auto superação, afirmação de si mesmo e de sua própria vida. Além disso, um dos ensinamentos da obra é que para que seja possível chegar a posição de super-homem deve-se passar por conflitos, dor e sofrimento a fim de se superar e tornar-se mais forte. Logo, o caminho é um esforço contínuo. E é por esse motivo que Nietzsche apresenta uma outra visão do niilismo, pois para ele não faz sentido negar a vida, mas sim viver e superá-la cada vez mais.

4. Os caminhos que levam à afirmação da vida: vontade de potência e *amor fati*

Apesar de Nietzsche ser filólogo e caminhar pela História, ele critica os excessos da mesma. Isso se dá porque entende que deve haver um equilíbrio entre o que já passou e o que está se passando. O que realmente importa é o presente. Com isso, deve-se libertar das tentações passadas e também futuras, criando uma conexão com o eterno presente. Quando há um apego sobre o presente, o homem passa a entender que existem diversas perspectivas e modos de solucionar os problemas “monstruosos” que aparecem no caminho. Isso porque quando estamos dentro de uma situação complexa tendemos a achar que tudo está perdido, mas a lembrança de momentos conflituosos fortalece o indivíduo para enfrentar mais um. Da mesma forma acontece quando ele se agarra à afirmação de que nenhum sofrimento é para sempre, fazendo uma projeção do futuro onde a tempestade já acalmou. Logo, uma vida sem equilíbrio entre passado, presente e futuro é um caminho para a ilusão, levando o indivíduo a ser fascinado, pessimista ou até mesmo alienado. Tais adjetivos são criados a partir do momento que este entrega a sua vida à dor, podendo cair até mesmo nos delírios do niilismo. Portanto, é preciso superar a si mesmo, toda angústia e obstáculos que o homem carrega. É preciso haver vontade de potência.

Um sofredor não tem direito ao pessimismo!”, foi então que conduzi dentro de mim uma árdua e paciente campanha contra a nada científica tendência básica de todo pessimismo romântico para inflar, interpretar experiências pessoais como julgamentos gerais e mesmo condenações do mundo... em suma, eu então virei meu olhar. Otimismo para fins de restabelecimento, para algum dia poder voltar a ser pessimista — compreendem? (NIETZSCHE, VM/OS, p.11).

A vontade de potência é um aglomerado de forças vitais, em que há um desejo de auto superação incessante. Nietzsche entende que vontade de potência acontece de maneira orgânica, nas mudanças fisiológicas do ser vivo, como a troca de células. Mas para que isso aconteça deve haver uma luta dentro do organismo, em que há um empecilho e ele deve ser ultrapassado de forma que o indivíduo é obrigado a modificar-se. Dessa maneira, os obstáculos são estímulos para a vontade de potência, o que cria resistência para o homem. Além disso, o crescimento de qualquer ser vivo depende do esforço contínuo contra algo que resiste, ou seja, o movimento da vida está diretamente ligado aos desprazeres que ela apresenta. Tendo essa noção, é possível dizer que até mesmo os instintos estão ligados à vontade de potência, pois sempre há uma insatisfação que deve ser revertida para que se alcance prazer. Logo, o incômodo é o estimulante ideal para a movimentação da vida.

Por fim, quando entendemos as dificuldades da vida, a necessidade de mudança e afirmação dela e de si mesmo, temos a possibilidade de apresentar o *amor fati*. Este conceito nietzschiano, que significa amor ao

destino, aos acontecimentos necessários, é sobre amar todas as circunstâncias da vida, dizer sim a ela e dar sentido a esses acontecimentos. É preciso fugir da aceitação inconsciente dos fatos, pois isso leva o homem a depreciação da própria vida. Isso porque ele entende que, diante dos desprazeres, a vida não tem mais sentido. É como um vício pelo pessimismo, em que tudo passa a ser inútil. Neste sentido, Nietzsche reforça a ideia de que é preciso se agarrar à ideia de nos fortalecermos diante dos obstáculos da vida. Que sejamos super-homens, que conquistam o ápice do combate a dor, supressão da vontade e admiradores das incertezas. E assim teremos a elevação da consciência, que transita na concepção de eterno retorno e *amor fati*. Que sejamos orgulhosos e encantados pela nossa própria vida. Dessa forma, nos tornaremos homens felizes.

5. Passo a passo de uma ilusão: a negação da morte

Há muitas pessoas que sentem dificuldade de encarar assuntos que envolvem morte e luto. Isso porque existem diferentes interpretações e influências que podem tornar o tema mais ou menos desagradável. Neste sentido, é importante ressaltar que no presente trabalho será desenvolvido o tópico considerando as interpretações negativas que levam alguns indivíduos a evitarem discussões acerca do inevitável: a morte. Além disso, tais considerações pessimistas estão diretamente relacionadas a cultura que o indivíduo está imerso, tendo em vista que ele é influenciado por um conjunto de noções que o levam a acreditar que o óbito é a coisa mais trágica e infeliz que alguém pode passar. Muitos ainda tentam amenizar os pensamentos infelizes com frases montadas, como “ele foi para um mundo melhor”. Porém, o sofrimento não passa, pois não houve um verdadeiro entendimento sobre o acontecimento e sim uma resignação com o fato. Portanto, as perspectivas nietzschianas podem ajudar a compreender melhor o embaraço causado pela dor de uma consciência sobre o fim.

Para Nietzsche, é inegociável a reinterpretação sobre a morte, pois esta é uma das maneiras que nos tornam preparados para a chegada de um óbito. Os homens ainda têm uma resistência sobre despedidas, principalmente sobre aquelas que são para sempre, ou seja, quando há uma morte. Quando aprenderem a se despedir irão fazer da morte uma festa. Isso porque terão a maturidade suficiente para entender que a morte nada mais é que uma consequência da própria vida, que ela faz parte do conjunto vital. Para facilitar esta linha de raciocínio, deve ser entendido que o “mundo morto” não é externo a nós, ele nos acompanha desde o nascimento. Essa noção parece contraditória, mas é justamente a ideia de que vida e morte são opostas que o filósofo alemão tenta eliminar. O corpo de todo ser vivo está em constante renovação, pois todos os dias células morrem e são repostas na mesma quantidade necessária para que se mantenha o organismo em movimento. Esse movimento nada mais é que uma vontade de potência incessante de todos os órgãos, ou seja, é a necessidade de mudança para se manter em agitação. É dessa maneira que o corpo consegue se manter vivo, a partir de mortes contínuas para um renascer. Por isso Nietzsche afirma que nosso corpo é um “edifício de múltiplas almas” (MARTON, 1990, p.34.).

Sabendo disso, fica claro o pensamento nietzschiano acerca da matéria, em que é posta em segundo plano frente às forças. Todos os indivíduos são compostos e movidos por forças e não por matéria. Um carro, por exemplo, é constituído por diversos tipos de materiais, mas não são eles que o fazem entrar em movimento e sim o motor que gera forças. Dessa mesma forma acontece com o ser humano, que é um aglomerado de matéria e motivado por forças vitais. Por isso, vida é movimento. Sabendo que a morte é constituinte da vida, então ela não pode ser vista como imóvel e homogênea, já que faz parte de um conjunto de forças. Esse mesmo conjunto que determina a luta incessante na vida humana, pois tudo é motivado por forças contrárias que obriga o homem a lutar constantemente pela sua sobrevivência. Mas tem certas lutas que são inúteis, já que todas as forças seriam utilizadas de forma desnecessária para tentar cessar algo que está certo para o futuro. Assim, o grande exemplo para isso é o combate inútil acerca da morte, tendo em vista que “a morte e o silêncio da morte constituem a única certeza e é o que há de comum para todos nesse futuro!”³

6. “Metamorfose” humana

Todos os seres vivos têm necessidade de mudança, ou seja, uma vontade de potência. O que deixa claro que a vida não é homogênea, sabendo que tudo que é vivo depende de um erro. É preciso haver uma falha para

³ Ibidem *A Gaia Ciência* §278

que o organismo seja obrigado a se modificar. A vontade de potência entra justamente nessa parte, onde há um desconforto tão grande causado pelo erro que o indivíduo sente uma necessidade incontável de modificar. Além disso, a morte que é constituinte da vida, encerra todas essas falhas. Logo, Nietzsche diz que morrer é uma festa, pois ao ser “torna-se livre de sua vida, ele dispensa os erros, causadores do sofrimento e se reconcilia com o real” (NASSER, 2008, p.104).⁴ Para entender isso provavelmente vamos pensar que se exige uma maturidade do homem, mas na verdade devemos enxergar a morte com os olhos de crianças inocentes para compreender sua beleza e valor. Isso porque “a criança, em sua inocência quer, sobretudo, derrubar os castelos de areia que fez à beira mar para fazer de novo, por amor ao poder, pelo prazer com o jogo inocente do devir” (CORDEIRO, 2023, p. 114)⁵. Ou seja, porque não atentamos contra nossa própria vida diante de uma dificuldade se já sabemos que vamos morrer e tudo vai acabar em um instante? Justamente porque dentro de cada homem ainda existe uma criança inocente que sente prazer pelo devir, pela superação de si mesma. Logo, não atentamos contra nossa própria existência porque sabemos que isso tiraria toda a oportunidade de tentar o novo.

Aqueles que tiram sua própria vida estão acorrentados pela angústia do sofrimento e pelo desejo de acabar com este, mas não agem desta forma com o intuito de encerrar a vida em si. Triste é o homem que não entende a oscilação da vida e entrega sua coragem para a mente desanimada. A mesma covardia e desânimo podem amarrar aquele indivíduo que não sabe morrer, que evoca a paciência para tudo que é finito. Isso porque diz “não” no momento em que não se pode mais dizer “sim” e se aprisionam em uma vida supérflua. Assim, a morte é a profundidade e a experiência fundamental da vida.

Uma outra maneira de amenizar o problema da morte para o homem é tomando consciência do que Nietzsche chama de *liberdade para a morte*. Vale ressaltar que é utilizada a palavra amenizar com o intuito de reforçar a ideia de que a vida é algo tão complexo que inúmeras questões não serão suficientes para a compreensão total do ser humano, inclusive a abordagem sobre o fim da vida. No mais, a liberdade para a morte significa afirmar a si mesmo. É preciso entender que a morte não é a gota de veneno que foi criada pela sociedade ocidental judaico-cristã, mas sim a experiência mais profunda do eu. Se for levado em consideração que a morte é um veneno, então ela sempre será vista como um caminho amargo do ciclo da vida, pois todas as vezes que é lembrada traz uma redução da vontade de potência do ser humano. Logo, essa perspectiva nega a própria vida.

Neste sentido deve ser entendido os conceitos sobre “morte covarde” e “morte voluntária” desenvolvidos por Nietzsche⁶. A primeira “pode ser definida, em poucas palavras, como a experiência da morte como um “acaso”, cujo efeito imediato é o desejo de morrer”. Quem pensa dessa maneira, para Nietzsche são os “pregadores da morte”, em que estes são, principalmente, os cristãos, que acreditam na possibilidade de ter uma “vida eterna” após a morte, uma esperança de algo melhor que a vida que se tem, o que “na realidade, não passa de uma vontade de nada” (NIETZSCHE, 1887, p.28.). Bom, se a morte covarde é uma vontade de nada, um acaso, algo que não estava planejado, como podemos explicar o real começo desse sofrimento e negação? Nietzsche nos apresenta a explicação no tempo, pois é nele que os pregadores da morte se apegam. Quando acontece um acidente, a vida do homem foi assaltada pela morte, tais pregadores dizem que foi no tempo errado, como se este fosse “encarado como a causa da incompletude”. Assim, a raiva sobre o tempo e a morte explica tanta angústia e sofrimento do homem acerca do ciclo natural da vida. Quando os seres humanos perderam a sintonia com o ciclo da natureza, houve também uma perda de consciência sobre o tempo de cada coisa. Isso porque a humanidade evoluiu de tal forma que passou a não ser mais preciso observar o ciclo de cada ser vivo, seja de uma planta, de um animal ou até mesmo da própria vida humana. Com isso, houve consequências drásticas para a aceitação do finito no momento que é preciso acontecer, já que foi perdida a noção de que nada é eterno.

Diante disso, só há uma maneira de encarar os pregadores da morte, segundo Zarathustra: amando-os. Isso porque quando o homem diz “sim” aos pregadores da morte está obedecendo a si mesmo e lutando contra a compaixão daqueles. Essa compaixão serve como instrumento que se infiltra no eterno retorno e passa a consolar

⁴ NASSER, Eduardo, *Nietzsche e a morte*. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, n.11, p. 99-110, 2008.

⁵ CORDEIRO, *Nietzsche e a morte livre*, Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, 2023

⁶ Morte covarde é a experiência da morte como um “acaso”. Morte voluntária é aquela que em no “tempo certo” porque “eu quero” (NASSER, 2008, páginas 105 e 106)

este homem sofredor. Mas isso nada mais é que negar a vida, pois as dores do mundo fazem parte dela. Portanto, deve combater a compaixão com amor para trazer liberdade ao indivíduo que padece do sofrimento de uma morte.

O mito de Sísifo, de Albert Camus⁷, conta a história de um indivíduo que teve como castigo empurrar uma rocha até o topo de uma montanha por toda sua vida. Quando chegasse ao topo a rocha rolava montanha abaixo e ele deveria repetir a ação. Alguém poderia dizer “por que continuar insistindo em algo que vai tornar o esforço inútil?”. Sísifo não entende como inútil, pois sabe que deve obedecer ao seu destino, aquilo é o que constitui sua vida, e ele ama sua vida. Portanto, carrega a rocha com alegria, pois sabe que cada fragmento que o faz se sentir vivo, afirmando sua própria vida. Da mesma forma deve acontecer com a morte, pois ela é parte da vida. Ou seja, a morte deve ser encarada com alegria para que ela seja a conclusão de uma vida digna de satisfação, entendendo que fez o que pôde no momento que devia ser feito.

Por outro lado, a “morte voluntária” é aquela que “vem no tempo certo porque eu quero”. Isso se dá não porque o homem deseja morrer por morrer, mas sim para afirmar a si mesmo, afirmar aquilo que faz parte de si, de sua natureza. A ideia que temos socialmente sobre “lutar pela vida” é contestada por Nietzsche, pois em seu entender “quando não é mais possível viver orgulhosamente, deve-se optar por morrer orgulhosamente, e não continuar vivendo indecentemente na dependência de médicos e tratamentos” (NASSER, 2008, p.107.). É dessa forma porque estaríamos desperdiçando energia com aquilo que nada mais vale lutar orgulhosamente, aquilo que já teve seu fim.

Morrer orgulhosamente, quando não é mais possível viver orgulhosamente. A morte escolhida livremente, a morte empreendida no tempo certo, com lucidez e alegria, em meio a filhos e testemunhas: de modo que ainda seja possível uma real despedida, em que ainda *está ali* aquele que se despede, assim como uma real avaliação do que foi alcançado e pretendido, uma *suma* da vida – tudo contraste com a miserável e terrível comédia que o cristianismo fez da hora da morte. (NIETZSCHE, GD/CI. Item 36, p.72).

Tal afirmação levaria facilmente à ideia de suicídio, mas o que não se conta é que “toda morte, natural ou não, é um suicídio, pois invariavelmente padecemos por obra de nós mesmos. Somente aqueles que desfrutam a morte covarde têm a impressão (equivocada) de “a morte ser uma obra de outro alguém”⁸. Assim, a morte não nos chega no tempo errado, não deve ser vista como um acaso. Mas sim sempre está no tempo certo, porque é a afirmação de si mesmo, de sua própria morte. A morte é a experiência mais profunda do eu, pois é diante dela que o indivíduo olha para sua vida e afirma a forma que escolheu viver. Com isso, é preciso festejar a morte, pois é por ela que o caminho da satisfação vital é concluído.

Em vários momentos de nossas vidas precisamos deixar algo ir para que o novo entre, transforme e renasça a vida. Isto é, fins de ciclos são necessários para que outros caminhos sejam desbravados. Essa noção pode causar espanto e medo no indivíduo, pois sair da zona de conforto faz com que ele deixe de ser quem é e sem saber para onde vai. Contudo, quando há uma experiência de morte não há mais como questionar para onde se vai, tendo em vista que é uma finitude definitiva. Logo, a morte impulsiona o movimento da vida para frente, já que é impossível voltar atrás e ser o que se era.

Portanto, ter em mente a noção negativa sobre a morte só nos revela a limitação sobre ela, o que é um “sintoma mórbido do homem cujo tempo é aquele do pai que devora os seus próprios filhos” (NASSER, 2008, p.105.). Dessa forma, pode ser desmistificado o destino humano, no sentido de não haver algo tão certo para o futuro quanto a nossa morte. A ideia de morte deve ser ligada a uma necessidade de vida, uma certeza do futuro, e não uma grande negação que gera sofrimento, uma fatalidade. Esse sofrimento só é ligado aos homens que buscam a eternidade do instante, ou até mesmo a esperança póstuma de algo melhor. Logo, a liberdade para a morte está exposta em Zaratustra, que diz: “à terra quero voltar, para ter a paz naquela que me gerou”.⁹

⁷ CAMUS, ALBERT. *O mito de Sísifo*, p. 122.

⁸ CI, GD, §36

⁹ Za, “Da morte voluntária”

7. A tragédia em uma perspectiva positiva

A tragédia está imersa na natureza humana, tendo em vista todas complexidades que fazem o indivíduo ser intenso. Isso faz com que a vida seja um emaranhado de dramas e oposições. É neste sentido que nos apaixonamos pelo viver, pois nós temos necessidade do desejo, da sede de emoções. Assim, Nietzsche entende que nós precisamos ser filósofos trágicos, criadores e administradores da nossa própria vida. Apenas dessa forma que o homem conhecerá a forma mais bela de autonomia: sendo artista. Se temos essa capacidade enquanto seres humanos, então devemos utilizá-la com sabedoria. Isso significa entender que a vida é uma verdadeira “caixinha de surpresas”, onde há dúvidas, sofrimentos, conflitos, alegrias, conquistas, entre outras questões que traçam o equilíbrio da natureza humana. É através do sofrimento que o homem conquista a capacidade de superação e evolução. Portanto, deve ser eliminada a falsa esperança de um mundo longe de imperfeições, pois cabe aos homens saber administrá-las com consciência de amadurecimento.

A própria vida nos recompensa por nossa tenaz vontade de vida, por uma demorada guerra como a que em mim travei contra o pessimismo do cansaço de vida, e já por qualquer atencioso olhar de nossa gratidão, que não deixa escapar a menor, mais delicada, mais transitória dádiva da vida. Por fim recebemos as suas dádivas grandes, talvez também a maior que ela pode conceder — recebemos de volta a nossa tarefa. (NIETZSCHE, VM/OS, p.12).

O que seria a tragédia se não uma forma de arte? A essência da arte é justamente a tragédia, o drama, as oposições, o duelo e a paixão. Por isso, Nietzsche acredita que nós, enquanto seres vivos pensantes, devemos ser artistas da nossa própria vida. Isso porque podemos pintar o quadro da nossa vida, desenhando perspectivas diversas e atribuir olhares artísticos sobre ela. Assim como um escultor, que pode esculpir a versão mais feia de alguém e ainda assim enxergar beleza, nós podemos utilizar o martelo daquele para trazer formas para a nossa própria vida e encontrar beleza em cada detalhe. Mesmo que este não seja tão confortável da primeira vez, conforme ganha formato e sentido ela vai sendo configurada de forma encantadora. É assim que deve ser a vida: encantada. O verdadeiro artista não nega a sua obra por inteiro quando fica insatisfeito com algum detalhe. Ou ele identifica e aperfeiçoa este, ou ele aceita a característica e encontra sentido para ela. Dessa forma, o filósofo alemão acredita que quando percebemos nossa capacidade de ser verdadeiros artistas da vida conseguimos ver que a tragédia faz parte da essência dela.

A valentia e liberdade de sentimento ante um inimigo poderoso, ante uma sublime adversidade, ante um problema que suscita horror — é esse estado vitorioso que o artista trágico escolhe, que ele glorifica. Diante da tragédia, o que há de guerreiro em nossa alma festeja suas saturnais; aquele que está habituado ao sofrimento, aquele que busca o sofrimento, o homem heroico exalta a sua existência com a tragédia — apenas a ele o artista trágico oferece o trago desta dulcíssima crueldade. (NIETZSCHE, GD/CI. item 24 p.66)

Além disso, uma maneira de fazer a pessoa reconhecer a sabedoria trágica e a realidade da vida é fazendo a reflexão de como viveu durante sua existência. Isto é, o homem deve pensar sobre todos os acontecimentos já experimentados e responder se repetiria todos da mesma forma. Caso a resposta seja sim, então este encontrará a felicidade. Mas a caso a resposta seja negativa, ele deve rever a forma que se encara a própria vida. Toda essa reflexão é produto da teoria do *eterno retorno*. Tal teoria é encontrada na famosa obra *Assim falava Zaratustra*, de Nietzsche, que explica que ela não é uma teoria física, mas sim uma questão existencial, em que é proposta a reflexão sobre a longevidade do homem. Com isso, Nietzsche redobra a atenção para que se tenha *amor fati*, pois é através dele que a vida pode ficar mais leve. É possível encontrar leveza através da afirmação incondicional e amor à vida, da construção da sabedoria trágica. Assim, entende-se que amar o passado é uma aceitação da vida, da natureza e do necessário. Portanto, o *amor fati* é um ato de coragem, pois diz sim não apenas a todo prazer, mas a todo sofrimento, o que nos faz amar a eternidade do instante. Essa eternidade do instante parece soar de forma desconexa, mas é justamente amar o “enquanto dure” e não o impossível, que seria a eternidade das coisas, é aproveitar e amar o *eterno retorno*. Logo, é encantar-se pela tragédia.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche entende que sua missão como filósofo é desvendar todas as mentiras que os moralistas implantaram sobre a vida. Por isso ele faz críticas à religiosidade, ao Mundo Ideal platônico, inversão de valores e moralismo. É sobre essas críticas que o filósofo alemão desenvolve perspectivas únicas que se perpetuam durante toda a modernidade. Todo esse ponto de vista é mediante a indignação em relação a pregação de um mundo perfeito, que “roubou” do homem o poder de afirmar a própria vida. Ademais, a criação de um mundo perfeito só fez com que as pessoas caíssem cada vez mais nas armadilhas ilusórias dos pregadores da morte. Estes matam a vontade do homem de encarar a tragédia como a essência da vida, tornando indivíduos melancólicos, pessimistas e nihilistas que estão em busca de um fim. Mas não um fim sobre a vida, mas sim sobre esta vida para que assim seja possível encontrar a “verdadeira” e perfeita existência.

Neste sentido, o desejo de encontrar “a verdadeira felicidade” faz com que o homem negue todas as dificuldades como partes essenciais para uma evolução, inclusive sobre a dificuldade que se tem para a encarar a morte. Mas para Nietzsche, a felicidade está dentro daquele que enxerga a vida como ela é, que assume a posição de *super-homem* e encara o *eterno retorno* o único caminho para alcançar satisfação vital. Portanto, aquele que assume essas condições estará pronto para se despedir de forma pacífica e grata da vida que teve, abraçando a morte como abraçou a vida, pois ele é capaz de dizer “sim” para as formas mais complexas da sua existência. Ademais, esse modelo de ser humano consegue afirmar o fim do ciclo vital de qualquer indivíduo, pois entende que a finitude deve ser aceita a fim de enxergar a beleza da existência. Quando um ente querido morre há o sentimento de luto, que não deve ser invalidado, mas quando passa a vida continua. Mas ela não continua mais como antes, tendo em vista que o sofrimento consegue fortalecer sua maturidade a fim de lidar com demais sofrimentos que estão por vir em sua caminhada. Logo, um choque de realidade é necessário para que haja um movimento sobre as atitudes dos homens. Se tudo fosse como sempre foi, se tudo fosse eterno, o mundo seria estático e sem possibilidades de progredir. Todos os homens devem estar em progresso a fim de manter a vitalidade e vontade de poder ativa.

Vale ressaltar que apesar do presente trabalho tratar sobre inúmeros pontos fundamentais para a afirmação da vida e aceitação da morte, não é possível dizer que é uma tarefa fácil. Isso porque os seres humanos estão imersos em sentimentos profundos e antagônicos que tornam muitas questões complexas. Fato é que há uma resistência à aceitação da morte, mas para que isso seja solucionado é preciso entender várias camadas da situação que levam o indivíduo entrar no mar da negação. Os pontos que foram tratados neste trabalho são caminhos que podem auxiliar na compreensão diante de um assunto que causa tanto desconforto. Portanto, entendendo sobre este desconforto e suas causas é possível começar um processo para encarar a morte como ela é: uma condição natural de todo ser vivo.

Neste sentido, a visão de Nietzsche sobre a vida pode clarear os caminhos obscuros que a morte traz para muitas pessoas. Entender que é preciso haver uma reinterpretação e liberdade para a morte é um dos primeiros passos para que se possa iniciar uma preparação para o fim, seja do próprio indivíduo ou de entes queridos. Além disso, afirmar que a vida é trágica gera um cenário de autoconsciência, em que o homem passa a entender que desafios fazem parte da luta constante da sobrevivência. Dessa forma, é preciso sempre aproveitar a vida em todas as suas versões, pois é passando por diversas fases que se tem a fórmula assertiva da vontade de potência. Ademais, quando a morte chega não é possível mais fazer nada, apenas entender que chegou ao fim uma existência aproveitada da melhor maneira.

Este pensamento é difícil de ser colocado em prática, tendo em vista que o apego, principalmente por pessoas amadas, está em jogo. Esse apego induz o indivíduo a encarar o ciclo natural da vida sempre como uma vinda prematura. Isso causa revolta e angústia diante do tempo, conseqüentemente da morte. Esse tipo de reação é uma forma egoísta, pois é justificado como uma preocupação de como será a vida póstuma do falecido. Porém, a verdade é que estamos preocupados em como será a nossa própria vida sem aquela pessoa que se foi. Por isso é muito comum entrar em uma sintonia com a negação, enxergando que a partida naquele momento foi um equívoco, tendo em vista que o indivíduo estava despreparado para a chegada da morte.

Sabendo disso, quanto mais cedo houver preparação psicológica para a chegada do fim menos sofrimento irá causar. Em suma, devem haver comportamentos e reflexões precoces e constantes a fim de diminuir

o impacto da dor de um luto. E isto não deve ser feito nos últimos suspiros de alguém, mas sim durante toda a existência dela. “Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati*: seja este, doravante, o meu amor! [...] E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!”¹⁰

¹⁰ Ibidem *A Gaia da Ciência*, §276

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Danilo Bilate de. Nietzsche e a aceitação trágica da vida. Existência e Arte: Revista Eletrônica do Grupo PET-Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei, 2007

CORDEIRO, *Nietzsche e a morte livre*, Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, 2023.

FILHO, P.D.F.; BERNARDES, S.T.A. Friedrich Wilhelm Nietzsche: Vida, obra e a luta contra o sofrimento. Cadernos da Fucamp , v. 16, n.28, p.117-132, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/1171-Texto%20do%20Artigo-4561-1-10-20180130.pdf> . Acesso em: 04 maio 2024.

MARTON, S. Das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990

NASSER, Eduardo. Nietzsche e a morte. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, n. 11, p. 99-110, 2008.

NEPPO, Bruno. Nietzsche e a morte como festa. YouTube, 13 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2IFrrZpD0fY&t=5s>

NIETZSCHE, Friedrich A gaia ciência. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. Assim Falou Zaratustra. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. Humano, Demasiado Humano. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SALVADORI, Mateus. Conceitos fundamentais para entender Nietzsche. YouTube, 06 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcVgkBvtLI0&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIncvAS6sJ>

SALVADORI, Mateus. Afinal, o que é o niilismo? YouTube, 20 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KW8Vad1SXAo&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIncvAS6sJ&index=2>

SALVADORI, Mateus. Niilismo e o eterno retorno em Nietzsche. YouTube, 01 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vtycjUlx8j8&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIncvAS6sJ&index=4>

SALVADORI, Mateus. Assim falou Zaratustra, de Nietzsche. YouTube, 09 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IVSjjs9Njqw&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIncvAS6sJ&index=5>

SALVADORI, Mateus. Assim falou Zaratustra, de Nietzsche / O camelo, o leão e a criança/ Leitura comentada. YouTube, 01 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A0xMn8AKL5Y&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIncvAS6sJ&index=6>

SALVADORI, Mateus. Genealogia da Moral, de Nietzsche. YouTube, 12 de setembro de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Oj7kY5D_NYs&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIncvAS6sJ&index=7

SALVADORI, Mateus. Nietzsche e a arte: o nascimento da tragédia. YouTube, 08 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SZnC0JncdQY&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIncvAS6sJ&index=8>

SALVADORI, Mateus. Nietzsche, além do bem e do mal e a vontade de poder. YouTube, 29 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Aw1a8TtPgtA&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIncvAS6sJ&index=12>

SALVADORI, Mateus. As melhores máximas de Nietzsche. YouTube, 12 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VnnvfkPbo2c&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIincvAS6sJ&index=16>

SALVADORI, Mateus. Nietzsche , relacionamentos amorosos e amor fati. YouTube, 22 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ao_5ON65Daw&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIincvAS6sJ&index=17

SALVADORI, Mateus. A principal ideia de Nietzsche. YouTube, 01 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4WGBTWqhLs&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIincvAS6sJ&index=22>

SALVADORI, Mateus. Niilismo vs Existencialismo vs Absurdismo. YouTube, 06 de março de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=81twNWvVPVk&list=PLZFM3L-stSYQWoevKlv-pyKjIincvAS6sJ&index=23>